

Raízes sonoras: a cultura pernambucana como ponto de partida para a educação musical

Sound Roots: Pernambuco culture as a starting point for music education

Jevison Santa Cruz (PPGE-UFPE)¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar como uma turma do quarto ano do Ensino Fundamental, de uma escola do município de Abreu e Lima, Pernambuco, iniciou seus estudos musicais por meio da disciplina de Arte, no projeto intitulado Com Alceu e Gonzaga na escola: vivências musicais a partir da cultura pernambucana. A metodologia adotada baseou-se em uma abordagem qualitativa, na categoria de relato de experiência. A dinâmica das aulas foi norteadas por princípios das pedagogias musicais de Zoltán Kodály e Carl Orff. Como resultados, observou-se que os alunos conheceram de forma sistemática dois grandes artistas da música pernambucana, aprimoraram aspectos relacionados à comunicação, autonomia, empatia, respeito pelo tempo do outro e organização, além de terem sido estimulados a compreender a música como um espaço de construção identitária.

Palavras-chave: educação musical; cultura pernambucana; construção identitária.

Abstract: This study aims to present how a 4th-grade class from an elementary public school in Abreu e Lima, Pernambuco, began their musical studies through the Art subject, in a project entitled *With Alceu and Gonzaga at School: musical experiences based on Pernambuco culture*. The adopted methodology followed a qualitative approach, in the form of an experience report. The dynamics of the classes were guided by the pedagogical principles of Zoltán Kodály and Carl Orff. As results, it was observed that the students systematically learned about two great artists from Pernambuco's music scene, they improved aspects related to communication, autonomy, empathy, respect for others' time, and organization, in addition to being encouraged to understand music as a space for identity construction.

Keywords: music education; pernambuco culture; identity construction.

DOI: 10.47456/col.v15i26.50464



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (PPGE-UFPE), mestre em Educação pela mesma instituição, graduado em Música (UFPE), bacharel em Teologia (FATIN), e licenciado em Pedagogia (UNAR). Professor da educação básica no município de Abreu e Lima-PE. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5694-7437>.

Introdução

Em Pernambuco, o som da sanfona, da zabumba e do triângulo reverbera como identidade e resistência cultural. Nesse chamego que nos envolve, a música não é apenas arte: é memória, é vida, é território. Do frevo que arrasta multidões nos dias de momo ao forró que embala as festividades juninas, cada ritmo comunica a resiliência de um povo que canta e toca sua história. Nesse cenário, propor uma iniciação musical a partir da música pernambucana e de artistas pernambucanos significa colocar o estudante em contato direto com suas raízes, fazendo da sala de aula um ambiente de vivência cultural.

De acordo com o educador musical Zoltán Kodály, o processo de iniciação musical deve partir daquilo que faz parte do contexto do aluno, valorizando sua língua, sua cultura e suas canções. Para o autor, a música de um povo constitui seu primeiro livro, pois é produzida através da identidade coletiva e capacidade de despertar a sensibilidade desde cedo (Rodolfo Ferreira Duarte, 2024, p. 6). Assim, quando uma criança canta, dança ou toca um xote, um baião ou um frevo, ela não apenas exercita sua performance musical, mas também fortalece seu pertencimento cultural.

Essa compreensão dialoga com Paulo Freire, para quem ensinar implica partir da “leitura do mundo” que o educando já realiza antes mesmo de entrar com a leitura da palavra (Freire, 1996, p. 42). Ao utilizar referências culturais próximas do aluno, como ritmos e artistas pernambucanos, a escola promove uma prática pedagógica que respeita a experiência vivida e fortalece a construção do conhecimento a partir do pertencimento.

Na mesma direção, Carl Orff desenvolveu uma abordagem musical baseada no fazer, no brincar e na experimentação rítmica (Santos; Lima, 2024, p. 84). Em sua concepção, o aprendizado ocorre pela participação ativa: o corpo, a percussão, a fala rítmica e a criação coletiva formam a base do que chamou de música elementar, uma música que todos podem experimentar, independentemente de conhecimento prévio. Segundo

Santos e Lima (2024, p. 89-90), essa prática promove envolvimento afetivo e abertura à criatividade exatamente porque parte de elementos simples e culturais, próximos da criança.

Desse modo, ao considerar a escola como um lugar de diálogo entre saberes, utilizamos os métodos desses dois grandes mestres da pedagogia musical para construir o projeto intitulado “Com Alceu e Gonzaga na escola: vivências musicais a partir da cultura pernambucana”, com o objetivo de valorizar a música e os artistas locais como ponto de partida para a formação estética e sensível dos alunos de uma turma do quarto ano no município de Abreu e Lima, PE.

Justificativa

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a importância da arte, sobretudo a música, como uma linguagem que propicia a sensibilidade, a criatividade e o entendimento a respeito da diversidade cultural brasileira (Brasil, 2018, p. 196). Do mesmo modo, o Currículo de Pernambuco postula, em suas diretrizes, o estímulo a práticas pedagógicas que dialoguem com as tradições e manifestações artísticas identificadas no estado, tanto na promoção do protagonismo da cultura regional quanto no fortalecimento da identidade cultural dos estudantes.

Nesse sentido, pesquisar sobre artistas pernambucanos como Alceu Valença e Luiz Gonzaga possibilita uma interação com ritmos e expressões intrínsecas ao Nordeste brasileiro, especialmente ao estado de Pernambuco, levando os alunos não apenas a vivenciar aspectos musicais, mas também a refletir sobre a música popular brasileira nesse híbrido de tradição e inovação.

Dessa maneira, orientado pelo Currículo do Estado para o 4º ano do Ensino Fundamental, no tocante aos Objetos de Conhecimento, Patrimônio cultural e Contextos e práticas, as habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes devem ser guiadas pelos seguintes descritores:

(EF15AR13PE) Identificar e apreciar criticamente diversas formas (música erudita) e gêneros (música popular) de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana. (EF15AR25PE) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias de diferentes épocas, para construir vocabulário e repertório diversificados relativos às diferentes linguagens artísticas (Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, 2018, p. 336).

Portanto, uma das maneiras de contemplar as habilidades supracitadas no espaço escolar é utilizando elementos que atravessam o cotidiano dos educandos, a fim de promover uma aprendizagem contextualizada e significativa. Como reforça Freire (1996, p. 47), o ato de ensinar exige “respeito aos saberes dos educandos”, reconhecendo a cultura que os forma e que lhes dá sentido. Desse modo, considerando que artistas como Alceu Valença e Luiz Gonzaga circulam com suas músicas pelos mais variados ambientes sociais, como escola, festas, ruas e residências, nada melhor do que inserir os alunos no universo da música por meio de uma proposta pedagógica pernambucana, capaz de aproximá-los de suas próprias produções culturais e de acentuar sua identidade local.

Metodologia

Este estudo baseou-se nos fundamentos da metodologia qualitativa. Segundo Prodanov e Freitas (2013), nesse tipo de pesquisa acredita-se haver uma interdependência entre a realidade e o sujeito. Nessa perspectiva, o objeto de estudo está sempre em movimento, pois considera a subjetividade de cada participante. Diante disso, na pesquisa qualitativa, o processo, os significados e o ambiente são fatores essenciais para a obtenção de resultados coerentes. É no ambiente da pesquisa que surgem as inquietações, e o pesquisador precisa de honestidade para não as manipular intencionalmente.

Para efeito desta pesquisa, em consonância com o pensamento dos autores, a realidade manifesta-se através do contexto existencial de cada sujeito/aluno em diálogo com o seu ambiente, neste caso, a escola e a sala de aula. Quanto à dinâmica das aulas, buscamos suporte na abordagem desenvolvida por Carl Orff, no que se refere à prática percussiva, e na pedagogia musical de Zoltán Kodály, em seu aspecto de pertencimento cultural.

Já em relação ao ensino da flauta doce, procuramos vivenciar as instruções compartilhadas por Santa Cruz (2024). Por fim, por se tratar de um relato de experiência, este estudo insere-se no campo da pesquisa descritiva, cujos procedimentos técnicos integram componentes bibliográficos, além da observação sistemática e participante.

A “Anunciação” da experiência

As aulas de arte, com enfoque na linguagem da música, aconteceram no mês de setembro de 2025, em uma turma de quarto ano, no turno da manhã, com 22 alunos matriculados, totalizando dez encontros com duração de cinquenta minutos. No primeiro dia, perguntamos aos alunos quem gostava de música e, por mais que a resposta parecesse óbvia, alguns mostraram-se eufóricos, enquanto outros nem tanto. Porém, seguimos nas interrogações investigando quais ritmos pernambucanos eram conhecidos por eles. As respostas mais imediatas foram: brega e frevo.

Diante disso, abrimos uma roda de diálogo, adicionando à conversa os ritmos do baião, do maracatu e do xote. Nessa perspectiva, enfatizamos os benefícios trazidos pela música ao estudante, tais como “memória, concentração, raciocínio, autonomia e socialização” (Santa Cruz e Leite, 2024, p. 291). Uma vez despertado o interesse da turma pela iniciação ao estudo da música, lançamos o desafio: e se essa brincadeira em sala de aula fosse norteadada pelos saberes compartilhados por dois grandes ícones pernambucanos, Luiz Gonzaga e Alceu Valença?

Os alunos concordaram com a proposta, contudo, não foi tão fácil assim. Ao serem apresentados a algumas canções do repertório dos artistas, manifestaram-se, como sujeitos ativos que são, dizendo tratar-se de “música para velho”! Entretanto, por meio da dialogicidade freiriana, argumentamos sobre a riqueza melódica, a criatividade e a valorização da cultura nordestina, o que os levou a abraçar o projeto. Corroborando esse episódio, Freire (1996, p. 44) afirma que “o fundamental é que o professor e os alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada”.

Assim, percebe-se que a escola deve ser um ambiente para a discussão de ideias, um espaço democrático em que a criticidade precisa ser estimulada por um professor que não se vê como detentor do conhecimento, mas como mediador do debate, provocando o educando na construção de um ser autônomo e leitor crítico de sua realidade. Sobre isso, Freire (1996, p. 14) comenta que “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”.

Após o combinado, procuramos saber se algum estudante tocava algum instrumento musical. Uma aluna respondeu que tocava flauta doce em sua comunidade religiosa e poderia colaborar com o projeto. Em seguida, outra aluna mostrou interesse, contudo não possuía o instrumento. Outros estudantes perguntaram se poderiam trazer latas de tinta ou baldes de margarina para construção de tambores e zabumbas. Ao constatar que teríamos ao menos uma flauta doce em nossas aulas, buscamos, através do método Orff, construir um repertório com melodia para flauta doce e acompanhamento percussivo.

No segundo encontro, já contávamos com duas flautas, pois a aluna mencionada anteriormente havia sido presenteada com o instrumento. Conseqüentemente, apresentamos à turma as figuras musicais mínima, semínima e colcheia, bem como suas respectivas pausas, o suficiente para o treinamento da leitura rítmica naquele momento. Desse modo, fazendo uso do corpo com palmas, pés e estalos, começaram a interiorizar o ritmo.

instrumentos acessíveis como esses reforça a ideia de que a musicalização pode ser realizada com recursos simples, democratizando o acesso ao fazer musical. Nessa dinâmica, utilizamos a melodia executada pelas flautas quatro vezes, acompanhada pela percussão, que ficou distribuída da seguinte forma:

Flautas



Clavas



Tambores



Figura 2. Prática de conjunto com a melodia intitulada Passeando no primeiro Ano e acompanhamento percussivo para clavas e tambores. Fonte: elaborado pelo autor, 2025. Três imagens que mostram o registro gráfico das notações musicais usados para cada um dos exercícios.

No quarto encontro, começamos a estudar sobre Luiz Gonzaga, observando sua história de vida e suas canções mais conhecidas. Por meio de fichas de leitura, vídeos da plataforma Youtube e grupos de discussão, foi possível construir um panorama sobre o artista. Embora a música Asa Branca ocupe o imaginário popular como um tipo de hino do Nordeste brasileiro, por tratar de temas como a seca, os processos migratórios, a resistência e esperança de retorno à terra arrasada, os alunos preferiram trabalhar as canções Assum Preto e Xote das meninas.

A escolha foi justificada por dois motivos: 1) porque a primeira música não possui a visibilidade de outras obras do artista, embora traga uma mensagem reflexiva sobre a maldade humana que violenta um pássaro, cegando-o, para que cante de maneira mais agradável. Nessa perspectiva, o compositor utiliza a linguagem metafórica para expressar que a coragem de cantar a própria dor também nasce da perda de um amor, o qual ele

considera, “a luz dos seus olhos”. 2) porque a segunda música é amplamente conhecida e apreciada pelos estudantes, que costumam cantá-la em seu cotidiano.

No quinto encontro, iniciaram-se os ensaios do repertório selecionado com as flautas e a percussão. A canção Assum Preto foi a primeira a ser trabalhada tecnicamente. Nessa dinâmica, as alunas da flauta doce fizeram ecoar seus sons por meio de cifra melódica,² considerando que a leitura musical em partitura exige tempo e aprofundamento, o que não seria possível naquele momento, por se tratar de um projeto de curta duração dentro do cronograma da disciplina de Arte do município. Para o acompanhamento percussivo, entretanto, a leitura rítmica mostrou-se mais viável, devido ao uso de células simples.

No sexto encontro, problematizamos a canção Xote das Meninas. Iniciamos falando sobre a origem desse ritmo e, posteriormente, realizamos sua execução com palmas, envolvendo toda a turma. Em seguida, por meio da distribuição da letra, discutimos tanto o tema central abordado na canção quanto sua função social. Observamos que, de maneira bem-humorada e ancorada na experiência humana da vida no sertão, o autor comunica que é inevitável fugir das transformações naturais da existência, ou seja, das transições entre as diferentes fases da vida, as quais culminam no descobrimento do amor, levando a menina a abandonar a boneca e a substituí-la pelo pensar no namoro.

Como para executar a melodia completa era necessária uma maior desenvoltura no uso da flauta doce, preferimos trabalhar apenas o refrão da canção, o que já causaria impacto na audiência, uma vez que essa música é um clássico do repertório de Luiz Gonzaga.

No sétimo encontro, começamos a estudar sobre Alceu Valença, observando sua história de vida e suas canções mais conhecidas. Utilizando fichas de leitura, vídeos da plataforma YouTube e grupos de discussão, foi possível traçar um panorama do artista até a atualidade.

² O termo cifra melódica não se refere a acordes, mas às notas que compõem a melodia de uma canção. Para sua execução, o músico deve conhecer previamente a canção. Disponível em: <https://ciframelodica.com.br/artigos/cifra-melodica-e-cifra-normal/>. Acesso em: 12 out. 2025.

Destaca-se que, mesmo após ouvirem Morena Tropicana, La Belle de Jour e Girassol, referências do repertório do artista, os alunos selecionaram a música Anunciação, canção de 1983, que, mesmo após 42 anos, ainda ocupa lugar cativo no cotidiano abreu-limense. Seguindo o mesmo método, as flautas executaram a melodia utilizando o recurso da cifra melódica, enquanto a percussão manteve-se com motivos rítmicos em semínimas.

O oitavo encontro foi destinado ao ensaio do texto criado entre alunos e professor. Por meio de frases concisas, que apresentavam ao público o enredo da vida e obra dos artistas estudados no projeto, os estudantes intensificaram o processo de comunicação, colaboração e autonomia já instruídos no cotidiano escolar. Os nono e décimo encontros foram organizados para ensaio geral.

Resultados e discussão

A culminância do projeto ocorreu no dia 30 de setembro de 2025, entre as 9h e 10h. A turma do quarto ano A pode apresentar sua produção musical para toda a comunidade escolar, a saber: uma turma do Infantil 4, uma turma do Infantil 5, uma turma do primeiro ano, uma turma do segundo ano, uma turma do terceiro ano e uma turma do quinto ano, totalizando seis turmas.

Para a exibição, os estudantes foram distribuídos em duplas, encarregadas de discursar sobre os músicos pernambucanos. Iniciando da esquerda para a direita, o primeiro artista apresentado foi Alceu Valença. Após uma breve exposição, foi executada a canção Anunciação, na tonalidade de Sol maior, com as flautas iniciando após o comando do professor, acompanhado ao violão. Em seguida, o grupo percussivo, formado por dois tambores e clavas, enriqueceu o acompanhamento.

Concluído esse momento, da direita para a esquerda, o grupo passou a dissertar sobre Luiz Gonzaga e, logo após, executou um medley com as músicas Assum Preto e Xote das Meninas, ambas na tonalidade de Mi menor. O professor realizou a contagem que marcou na entrada dos

tambores, simbolizando a zabumba; em seguida, entraram as clavas e o triângulo, finalizando com as flautas e o violão. Uma vez executada a música, fez-se uma breve pausa para a entrada do refrão de xote das meninas, o que levou o público, composto por alunos e professores, a cantar junto, em um momento de grande envolvimento coletivo.



Figura 3. Culminância do Projeto. Fonte: acervo do autor, 2025. A turma aparece organizada, com as crianças usando uniforme escolar lado a lado, enquanto o professor está ao centro, portando um violão. Todos os integrantes aparecem com o rosto desfocado.

Sublinha-se que um dos alunos do infantil 5, com TEA (Transtorno do Espectro Autista), ficou bastante impressionado com a performance musical, o que o levou a assistir a todas as apresentações realizadas naquela manhã. Segundo Baltazar (2020), a música é uma valiosa ferramenta terapêutica no tratamento de pessoas com TEA, o que ratifica o interesse demonstrado pelo aluno.

Como resultados, constatou-se que o projeto intitulado “Com Alceu e Gonzaga na escola: vivências musicais a partir da cultura pernambucana” mostrou-se bem-sucedido, uma vez que: a) os estudantes conheceram dois grandes artistas da música pernambucana de forma sistemática; b) expuseram suas ideias sobre a relevância dos artistas estudados, como base em fagulhas do pensamento freiriano, que contribuem para a

construção de sujeitos críticos; c) iniciaram o estudo da música por meio da execução de instrumentos, leitura rítmica e prática de conjunto; d) aprimoraram aspectos relacionados à comunicação, autonomia, respeito pelo tempo do outro, empatia e organização; e) foram estimulados a compreender a música como um espaço de construção identitária.

Considerações finais

A experiência no projeto “Com Alceu e Gonzaga na Escola: vivências musicais a partir da cultura pernambucana” evidenciou que a música pode ser um eficaz instrumento de formação humana, na medida em que fomenta o diálogo entre cultura, sensibilidade e educação.

Ao trazer para o cotidiano escolar as composições de Alceu Valença e Luiz Gonzaga, foi possível despertar nos estudantes o reconhecimento de suas raízes sonoras, visualizando a música pernambucana como uma proposta pedagógica para iniciação musical, além de desenvolver a noção de pertencimento identitário. Por conseguinte, a experiência demonstrou que a iniciação musical, quando ancorada em metodologias como as de Kodály e Orff, favorece a criação coletiva, a escuta sensível e o desenvolvimento integral do aluno.

Diante de tantos resultados positivos, podemos sintetizá-los em uma turma mais comprometida, criativa e consciente de sua cultura. Nessa perspectiva, a música tornou-se um elo entre o saber escolar e o saber popular, entre o individual e o coletivo. Assim, o projeto reafirma o papel da escola como espaço de valorização da diversidade cultural e de construção de identidades críticas e sensíveis.

Referências

BALTAZAR, Juliana. Musicoterapia para pessoas com TEA. In: **Autismo e Realidade**, 2020. Disponível em:

<https://autismoerealidade.org.br/2020/07/31/musicoterapia-para-pessoas-com-tea/>. Acesso em: 2 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

RODOLFO FERREIRA DUARTE, Rodolfo Ferreira Duarte. A importância do ensino da música: a visão de professores. **Multidisciplinary Journal Lattice**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2024. DOI: 10.70579/pl.v1i1.6. Disponível em: <https://ojs.periodicoslattice.com/laticemultidisciplinar/article/view/6>. Acesso em: 5 dec. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SECRETARIA de Educação e Esportes de Pernambuco. **Currículo de Pernambuco**: Ensino Fundamental, Recife, 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano - FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico** Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTA CRUZ, Jevison. Bem-vinda, flauta doce, à escola em tempo integral!. **Revista do Colóquio**, [S. l.], v. 14, n. 24, p. 281-293, 2024. DOI: [10.47456/col.v14i24.46256](https://publicacoes.ufes.br/colartes/article/view/46256). Disponível em: <https://publicacoes.ufes.br/colartes/article/view/46256>. Acesso em: 5 dez. 2025.

SANTOS, Rafael Felipe dos; LIMA, Sonia Regina Albano de. A utilização da abordagem Orff-Schulwerk nas aulas de música direcionadas para o Ensino Fundamental I. **Revista da Tulha**, Ribeirão Preto, Brasil, v. 10, n. 2, p. 77-99, 2024. DOI: [10.11606/issn.2447-7117.rt.2024.228055](https://doi.org/10.11606/issn.2447-7117.rt.2024.228055). Disponível em: <https://revistas.usp.br/revistadatulha/article/view/228055>. Acesso em: 5 dez. 2025.

Recebido em: 30 de outubro de 2025.

Publicado em: 29 de dezembro de 2025.